



Divulgação Apple TV

Cinzas & rebeldia

Antes do **novo álbum** previsto para o fim do ano, o **U2 lança “Days Of Ash”**, EP de **cinco faixas inspiradas em histórias reais** de pessoas mortas pela **violência política**. Com participação de **Ed Sheeran e do soldado ucraniano Taras Topolia**, a banda irlandesa faz do luto mais um manifesto. **“São canções de rebeldia, de espanto e de lamento”**, resume Bono. Página 2

Anton Corbijn/Divulgação



“Acreditamos em um mundo onde fronteiras não sejam apagadas à força. Onde cultura, língua e memória não sejam silenciadas pelo medo. Onde a dignidade de um povo não seja negociável”

THE EDGE

Um grito contra a normalização da brutalidade

EP ‘Days Of Ash’ marca retorno urgente da banda antes do novo álbum previsto para o fim do ano

AFFONSO NUNES

A canção não pode esperar. Um grito que não pode ficar suspenso no ar. A máxima explica o lançamento surpresa de “Days Of Ash”, EP inédito do U2 composto por cinco faixas e um poema — “American Obituary”, “The Tears Of Things”, “Song Of The Future”, “Wildpeace”, “One Life At A Time” e “Yours Eternally”, esta última com participação de Ed Sheeran e do músico ucraniano Taras Topolia. O projeto chega antes do álbum completo previsto para o fim do ano e se impõe como resposta imediata ao momento político global — um registro sonoro de espanto, luto e rebeldia diante de um mundo que normaliza a brutalidade.

“As músicas de ‘Days Of Ash’

são muito diferentes daquelas que vamos incluir no álbum que sai mais adiante neste ano. Em clima e em temática. Mas as faixas deste EP não podiam esperar; eram músicas ansiosas para ganhar o mundo. São canções de rebeldia, de espanto e de lamento. As músicas de celebração virão depois”, escreve Bono, em nota de apresentação do trabalho. “Diante de toda a brutalidade que vemos ser normalizada diariamente nas nossas pequenas telas, não há nada de normal nesses tempos insanos e enlouquecedores, e precisamos enfrentá-los antes de voltar a ter fé no futuro”, completa.

Para o baterista Larry Mullen Jr., o timing é parte essencial da proposta. “Do jeito que o mundo está agora, parece o momento certo. Desde os nossos primeiros dias, trabalhando com a Anistia Internacional ou o Greenpeace, nunca evitamos nos posicionar. Às vezes isso pode ficar

um pouco complicado — sempre há algum tipo de reação —, mas é uma parte importante de quem somos e da razão de ainda existirmos”, afirma o músico. Adam Clayton, por sua vez, é direto: “Estou animado com essas novas músicas; parece que elas estão chegando na hora certa.”

Quatro das cinco faixas são retratos de pessoas reais cujas vidas foram interrompidas pela violência política. “American Obituary” parte de um episódio ocorrido em Minneapolis, em 7 de janeiro de 2026, quando Renée Nicole Macklin Good, mãe de três filhos, foi baleada enquanto protestava pacificamente — direito garantido pela Primeira Emenda americana. Desarmada, foi chamada de “terrorista doméstica” pelo governo. “The Tears Of Things” trata dos escritos do frade franciscano Richard Rohr sobre como viver com compaixão em tempos de violência, e tece um

diálogo imaginário entre o Davi de Michelangelo e seu criador — em que o jovem recusa a ideia de precisar se tornar Golias para derrotá-lo.

Em “Song Of The Future”, a protagonista é Sarina, homenagem à iraniana Sarina Esmailzadeh, 16 anos, morta em 2022 pelas forças de segurança do regime durante os protestos “Mulher, Vida, Liberdade”, deflagrados após a morte de Jina Mahsa Amini. Já “One Life At A Time” foi escrita para Awdah Hathaleen, ativista palestino e professor de inglês assassinado em 28 de julho de 2025 na Cisjordânia. Awdah foi consultor do documentário vencedor do Oscar “No Other Land”. Em seu funeral, o diretor Basel Adra falou sobre a experiência palestina de ser apagado “uma vida de cada vez” — frase que o U2 ressignificou para sugerir que a paz também será construída assim, uma vida de cada vez.

“Acreditamos em um mundo onde fronteiras não sejam apagadas à força. Onde cultura, língua e memória não sejam silenciadas pelo medo. Onde a dignidade de um

povo não seja negociável. Essa crença não é temporária. Não é moda política. É o chão em que pisamos”, reflete The Edge.

A faixa de encerramento, “Yours Eternally”, tem história própria. Em 2022, dias após a invasão russa à Ucrânia, Bono e The Edge viajaram a Kiev para tocar em uma estação de metrô a convite do presidente Zelensky. Foi ali, naquela plataforma, que conheceram Taras Topolia, músico e soldado ucraniano, apresentado a Bono por Ed Sheeran. A amizade que nasceu naquele encontro gerou a canção, escrita em forma de carta de um soldado ativo com “um espírito audacioso e travesso, à altura do espírito da Ucrânia”. A faixa é acompanhada por um curta-metragem de 4 minutos e meio dirigido pelo cineasta Ilya Mikhaylus, lançado em 24 de fevereiro — data que marca o quarto aniversário da invasão russa —, filmado nas linhas de frente do conflito em dezembro de 2025.

O EP também marca o retorno da revista “Propaganda”, publicação oficial do U2 que completou 40 anos em fevereiro. Inspirada nos fanzines punk do “faça você mesmo”, a edição especial de 52 páginas traz entrevistas com os envolvidos no projeto, letras das músicas e comentários dos quatro integrantes. Parte da renda será destinada à Anistia Internacional, ao Comitê para a Proteção dos Jornalistas e ao ACNUR. “Days Of Ash” chega, portanto, não apenas como disco — mas como ato político, carta aberta ao mundo e prova de que, aos mais de quatro décadas de carreira, o U2 ainda encontra nas feridas do presente a matéria-prima de sua música.

A pérola que se revela

Gravação de Djavan, recuperada duas décadas depois, revela uma das canções mais belas da obra de José Miguel Wisnik e integra o aguardado EP ‘Mais Simples’

AFFONSO NUNES

Djavan nunca gravou “Pérolas aos Poucos” em disco. Mas cantou. E cantou tanto, com tanta entrega, que a canção acabou entrando no roteiro do show “Vaidade” — onde uma gravação ao vivo, esquecida por duas décadas, esperava o momento certo para reaparecer. Esse momento chegou agora: o registro acaba de ser lançado como single nas plataformas digitais e integra “Mais Simples”, novo EP do compositor José

Miguel Wisnik, reunindo canções deste artesão somoro interpretadas por diferentes artistas. A história começa com puro encantamento. Djavan conta que quando ouviu “Pérolas aos Poucos” (parceria de Wisnik com Paulo Neves) pela primeira vez, a canção tomou conta da casa. “Passei a cantá-la sem parar, todos em casa ficamos apaixonados”, lembra. “Foi uma grande alegria poder cantá-la, depois de ter vivido há mais de vinte anos todo aquele encantamento quando a ouvi pela primeira vez. Foi arrebatador!” A faixa entrou nos shows, mas nunca chegou a um



Um dos compositores mais singulares da nossa música, José Miguel Wisnik terá suas canções interpretadas pela nata da MPB no EP ‘Mais Simples’

disco de carreira — até que a própria equipe técnica de Djavan revelou a gravação ao vivo, uma dádiva inesperada que mudou os planos do EP de Wisnik. O compositor estava na plateia naquela noite e guarda o momen-

to na memória. “Era lindo aquele momento solo em que, entre tantos hits maravilhosos cantados com banda, Djavan jogava essas pérolas aos poucos aos muitos que o ouviam, acompanhado apenas do teclado de Renato Fonseca”, recorda o compositor. “Faz pouco tempo descobrimos uma gravação ao vivo dessa interpretação, uma verdadeira dádiva. É maravilhosa”, empolga-se. “Pérolas aos Poucos” é, sem exagero, uma das canções mais belas de toda a obra de Wisnik — compositor, professor, ensaísta e um dos intelectuais mais singulares do Brasil. Autor de livros fundamentais como “O Som e o Sentido” e “Veneno Remédio — O Futebol e o Brasil”, Wisnik construiu ao longo de décadas uma produção musical marcada pela sofisticação melódica e pela densidade lírica, com canções gravadas por Caetano Veloso, Maria Bethânia e Edu Lobo. Nesta faixa, a interpretação de Djavan é simplesmente arrebatadora — e transforma uma grande composição em algo que se aproxima do inexplicável. “Que maravilha! ‘Pérolas aos poucos’ é a pérola de todos”, define o próprio cantor. A gravação passou por ajustes sonoros do técnico Marcelo Saboia, sob supervisão de Djavan e Wisnik. O single se soma ao já lançado “Mais Simples”, faixa-título gravada por Caetano e Tom Veloso em janeiro. O EP completo chega às plataformas em abril com distribuição do selo Trattore.

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Um voz marcada pela superação

A cantora e compositora Luana Mallet celebra seu aniversário no Blue Note Rio nesta quarta (25), às 20h. No show “Retrato Paisagem”, ela reúne composições autorais e releituras com arranjos de Eduardo Farias e André Vasconcellos. Revelada no The Voice Brasil em 2012, Luana construiu carreira sólida no jazz e na MPB, superando dois episódios graves de saúde que ameaçaram interromper sua trajetória.



Uma oferenda musical para Milton

A cantora e pianista Nana Carneiro da Cunha apresenta nesta terça (25), às 20h, no Audio Rebel, em Botafogo, o show “Peixa” — que ela chama de “espetáculo-oferenda” à obra de Milton Nascimento, com músicas que marcaram sua infância. Ao lado de Emiliano Sette (guitarras), Gustavo Benjão (baixo), Pedro Fontes (bateria) e Thiago Queiroz (sopros), Nana conduz uma noite de afeto e reverência a este gigante da MPB.



Bossa Nova com sotaque italiano

Italiana de alma carioca, Francesca Lo Cicero apresenta nesta quarta (25), às 20h, no Beco das Garrafas, o show “Bossa”. Acompanhada por Marlon Mouzer (violão de 7 cordas) e Léo Cortez (bateria), a cantora revisita clássicos do movimento que nasceu naquele mesmo endereço histórico de Copacabana, resgatando o clima descontraído e sofisticado dos anos dourados da Bossa Nova.



Sucessos de Rita Lee no palco do Rival

Patrícia Lucas apresenta nesta quarta (25), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras, um tributo a Rita Lee no espetáculo “Agora Só Falta Você”. O repertório reúne hits como “Ovelha Negra”, “Lança-Perfume”, “Chega Mais”, “Caso Sêrio”, “Mania de Você” e “Mutante”. Acompanham a cantora Raiza Contrijani (piano), Juninho Lessa (guitarra), Carlos Rodrigo (baixo) e Eduardo Guerra (bateria).



ENTREVISTA | CRISTIAN TAPIA MARCHIORI

CINEASTA

‘O Mal está enraizado’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

No finalzinho de janeiro um thriller argentino chamado “Gatillero” firmou-se como uma das sensações do Festival de Roterdã, na Holanda, consagrando seu diretor, Cris Tapia Marchiori, como um signo de excelência. Trata-se de um filme de ação devastador de nuestros hermanos, de uma precisão técnica de matar Hollywood de inveja. Recém-saído da prisão, o assassino profissional Pablo “El Galgo” (Sergio Podedey) é contratado para um trabalho por membros de um cartel de drogas liderado por uma mulher misteriosa, conhecida apenas como a Madrinha. Normalmente, isso seria moleza para o velho Galgo, mas quando ele descobre que o seu alvo não é outro senão a própria Madrinha, esse “bicho solto” é forçado a fugir para salvar a vida, em perseguições eletrizantes. O longa foi filmado em locações reais de Isla Maciel, um bairro famoso nos arredores de Buenos Aires e se desenrola em tempo real ao longo de uma noite. No papo a seguir, por e-mail, Marchiori explica o caminho sociológico que encontrou para falar de criminalidade numa estética de pancadão.

“Gatillero” dialoga com os manuais do cinema de ação, com uma habilidade exemplar, mas o faz com maior eficácia no campo do thriller social. Onde entra aí a noção do Mal? Que vilania percorre esse mundo de excessos?

Cristian Tapia Marchiori - De certa forma, essa estrutura já está presente no próprio filme, porque o Mal é inerente a quase todos os personagens — e eu acredito que, infelizmente, a maldade faz parte da natureza humana. E não digo isso a partir de uma visão pessimista. Pelo contrário, acho que, como seres humanos, temos a responsabilidade de reconhecer onde erramos, por que agimos de maneira violenta ou equivocada, por que recorremos ao mal — e precisamos trabalhar isso. No filme, mostro personagens inseridos em uma engrenagem, em um sistema completamente corrompido. Se analisarmos o bairro, que é o cenário principal da história, vemos que o Estado, enquanto instituição, está tomado pelo Mal e simplesmente não olha para aquele lugar: não protege, não cuida, não está presente. Depois temos a polícia, que também deveria atuar em defesa dos moradores, mas igualmente está ausente. A imprensa, que poderia dar visibilidade à situação e, assim, pressionar por alguma resposta do Estado ou das forças de segurança, também não aparece. Todos estão ausentes. Simbolicamente, isso nos revela o quanto o Mal está enraizado — na minha visão — nas pessoas, nas dinâmicas sociais e nos métodos que estruturam esse sistema.

Qual é a viabilidade de um projeto como este no

panorama atual da Argentina de Milei, em termos de custos e busca de orçamento?

Hoje, falar sobre a viabilidade do cinema na Argentina, sob o governo Milei, é extremamente difícil, porque, para começar, fazer cinema se tornou praticamente impossível. E, além disso, sinto que é preciso falar da violência que se respira nas ruas, da violência que emana do próprio presidente, da situação crítica em que o país se encontra. A crise do cinema argentino é reflexo direto da crise do país como um todo. Estamos falando de um presidente cuja campanha teve como um de seus pilares centrais a proposta de violência contra quem pensa diferente. Esse discurso foi uma base importante da sua ascensão. E, ao assumir o poder, ele coloca essa violência em prática, alinhando-se ainda a um modelo como o de Trump, no qual a violência vira método e linguagem política. Na pergunta anterior falávamos sobre o mal e a violência — e é exatamente nesse ponto que estamos hoje. Estamos falando de Milei. Acredito que o filme dialoga bastante com o contexto social atual em que vivemos. Por isso, uma produção como essa se torna inviável em tempos de Milei. Mas por que é inviável? Porque crescer se tornou inviável para diversas indústrias e para muitas classes sociais. O problema é profundo. O que está acontecendo hoje na Argentina é muito duro.

Como foi a engenharia de filmagem para as cenas de ação? Quais referências o guiam?

Pensando na ideia de “ação”, a proposta do filme sempre foi fazer algo diferente. A ação convencional,



Divulgação

“Hoje, falar sobre a viabilidade do cinema na Argentina, sob o governo Milei, é extremamente difícil, porque, para começar, fazer cinema se tornou praticamente impossível”

como estamos acostumados a ver, costuma construir ritmo por meio da montagem, da alternância de planos. O ritmo e a tensão surgem da edição de diferentes tomadas. Aqui, a intenção foi justamente tentar criar uma ação que não dependesse desse recurso — e que, por isso mesmo, tivesse uma aparência e uma sensação distintas. Ficamos muito felizes porque a ação e o suspense funcionaram e foram muito bem

recebidos. Eu sou um diretor que se prepara bastante, então estudei durante muito tempo como construir cenas de ação em plano-sequência. Não há tantas referências assim, mas busquei filmes que utilizam esse recurso, como “Victoria” e “La Casa Muda. Ainda assim, o principal foi a prática: gravei vários planos-sequência com o celular, em diferentes espaços, depois assistia e analisava o que funcionava, o que era interes-

sante, o que não dava certo.

Como se deu esse processo?

A engenharia para organizar esses planos-sequência foi enorme. Meu assistente de direção e amigo, Lautaro Perin, foi fundamental. Ele tem uma mente muito especial e uma habilidade incrível para lidar com a equipe e com todas as pessoas envolvidas. Eu trabalhei como assistente de direção por cerca de 15 a 17 anos, e nesse período ele esteve ao meu lado; crescemos profissionalmente juntos. Ele foi uma peça-chave no filme. Juntos conseguimos estruturar um dispositivo muito sólido, que depois ele executou com grande precisão. Basicamente, o filme só pôde ser realizado graças a um planejamento muito detalhado. Criamos uma maquete completa da obra, que eu filmei com o celular, tendo como “atores” o diretor de fotografia Martín Sapia, o assistente Lautaro Perin e a Male, da produção. Durante dois ou três meses, fui até o bairro para posicionar a história dentro dessa maquete, sobrepondo o roteiro ao mapa real do espaço. Depois, durante as filmagens, buscamos reproduzir o que já havíamos desenhado nessa prévia.



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Daqui até 12 de maio, a rotina cinéfila planetária vai girar em torno do Festival de Cannes, que dá o pontapé para a sua 79ª edição no dia 12 de maio. Estima-se que Christopher Nolan há de lançar seu esperado “A Odisseia” por lá, mas ainda é cedo para saber. O terreno ficou livre para a Croisette aticar hipóteses e especulações com o encerramento da 76ª Berlinale, no domingo, a reboque da conquista do Urso de Ouro pela produção teuto-tuca “Yellow Letters”, do diretor Ilker Çatak. Muitos bons filmes se notabilizaram por lá, incluindo uma Sessão da Tarde à moda cearense chamada “Feito Pipa”, de Allan Deberton, que venceu o Urso de Cristal. Na reta final, o evento alemão reforçou sua relevância ao consagrar uma série de achados que entraram em curso em suas últimas sessões. Confira o que brotou da lavoura germânica.

IF PIGEONS TURNED TO GOLD, de Pepa Lubojacki (República Tcheca): Eis o ganhador da láurea de Melhor Documentário da Berlinale. Ao longo de um período de cinco anos, sua diretora documenta a vida de quatro membros de sua família, principalmente seu irmão David, que sofre de dependência em relação ao álcool e vive sem abrigo. Usando uma colagem pessoal, semelhante a um diário, Lubojacki tenta revelar as raízes da infelicidade intergeracional que se manifesta repetidamente em graves problemas de dependência.

SACCHARINE, de Natalie Erika James (Austrália): No empenho de impressionar uma colega de academia, uma jovem residente de Medicina (Midori Francis) resolve provar de uma pílula para deter a fome que emagrece pessoas obesas. Ela só não faz ideia de que o comprimido guarda cinzas de gente morte. Ao ingeri-lo, ela passa a ser quizilado pelo fantasma de uma mulher que precisa comer, sem parar, para ter alguma paz. Esse apetite desmedido leva este body horror à fronteira onde o pecado da gula se encontrar com a morte.

THE DAY SHE RETURNS (“Geunyeoga doraon nal”), de Hong Sangsoo (Coreia do Sul): Depois de se casar, a protagonista desta dramédia desiste da carreira de atriz. Então, após se divorciar, volta a atuar e estrela um filme independente. Agora, o filme está



Saccharine

Os pênaltis da Berlinale

Encerrada no domingo, com vitórias para a Turquia e para o Brasil, a maratona cinéfila alemã sai de campo emplacando gols em prol da autoralidade



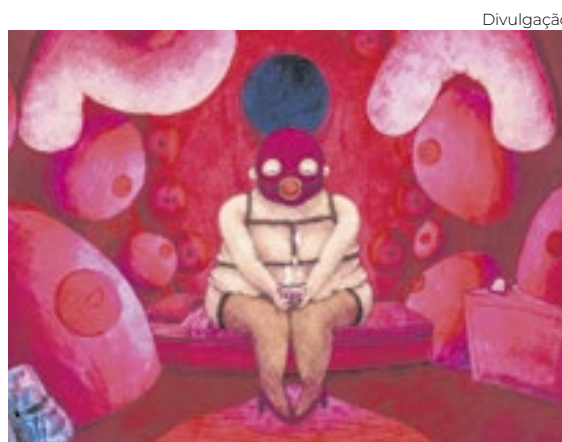
If Pigeons Turned to Gold



Al Cook The Loneliest Man in Town



Four Minus Three



Cosmonauts



The Day She Returns



O Batedor de Carteiras

prestes a ser lançado e ela está a dar entrevistas para promovê-lo. Tendo chegado à meia-idade, ela expõe seu rosto ao mundo cheia de orgulho.

Sangsoo mostra como ela dá três entrevistas em intervalos de 30 minutos e tenta responder a cada pergunta da melhor maneira possível.

Na tarde do dia enquadrado pelo realizador, o coach da estrela pede a ela para reencenar as entrevistas que deu anteriormente. Sempre que

chega às partes cruciais, por alguma razão, ela não consegue lembrar-se de nada, pois está cansada e quer ir para casa, ao encontro de sua filha. Fatores sentimentais instáveis também pesam em suas escolhas.

FOUR MINUS THREE (“Vier Minus Drei”), de Adrian Goiginger (Áustria): Taí um banho de vitalidade do cinema germânico, com foco na reestruturação de vidas chamuscadas pelo luto, o que foi um dos assuntos mais recorrentes do Festival de Berlim. Em sua doída trama, um casal de palhaços vive uma vida feliz até que um deles morre. Barbara (Valerie Pachner), que fica viva, tem de aprender a lidar com o fantasma da solidão.

COSMONAUTS, de Leo Cernic (Eslovênia): Uma animação que consegue ser existencialista até quando descamba para um veio mais quente. Seu cenário é um cruzeiro intergaláctico onde solitários vão tentar a sorte no amor, o que a imensidão das estrelas não facilita nem um pouco. A arrebatadora direção de arte joga com cores terrígenas para compor um mosaico sinestésico sobre quererem que não se completam.

THE LONELIEST MAN IN TOWN, de Tizza Covi e Rainer Frimmel (Áustria): É inexplicável como a competição oficial de Berlim deixou de premiar esta mistura de ficção, documentário, estudo sobre gentrificação e canto sobre a importância analgésica da música. Não estranhe se o austríaco de 81 anos Alois Koch, ou melhor Al Cook, começar a tocar nas rádios europeias e a bombar no Spotify ao fim do 76º Festival de Berlim, pois esse longa fez dele um astro... um novo Charles Chaplin. Vemos uma espécie de “Luzes da Cidade” pós-moderno, que narra a cruzada pela vida desse Carlitos do Blues. Ela faz da guitarra sua parceira mais fiel, numa rotina de shows que tiveram as plateias escasseadas dos anos 1990 até hoje.

O BATEDOR DE CARTEIRAS (“The Only Living Pickpocket in New York”), de Noah Segan (EUA): John Turturro atua num estado de graça neste thriller. O Barton Fink dos anos 1990 vive um ladrão profissional que “mete” a mochila de um bad boy (Will Price), sem saber que se trata de um mafioso. Entre os pertences que o gatuno “bateu”, há um chip que conduz seu portador a segredos (leia-se \$) do crime organizado. Dali pra diante, caímos numa mistura do Scorsese de “After Hours” (1985) com os Irmãos Safdie de “Jóias Brutas” (2019) que se desenha como um conto moral sobre o quão dura pode ser a vida da malandragem e também como uma carta de amor pra Nova York. Giancarlo Esposito, Steve Buscemi, Karina Arroyave e uma impecável Jamie Lee Curtis integram o elenco deste poema crepuscular.

PEDRO SOBREIRO

Em dezembro de 2025, a Disney convidou o Correio da Manhã para um evento bastante especial em São Paulo.

O Disney+ levou para o Bar dos Arcos, dentro do Teatro Municipal de São Paulo, os protagonistas da segunda temporada de *Paradise*, Sterling K. Brown e Shailene Woodley, e o criador da série, Dan Fogelman, para uma “social” com a imprensa e influenciadores.

A ação fez parte agenda promocional do time para a CCXP, mas se destacou justamente por buscar um cenário alternativo e de classe dentre as vastas opções turísticas de São Paulo. Foi um evento pouco convencional, muito criativo e muito proveitoso, já que a imprensa teve contato com os talentos sem estarem naquele ambiente engessado das junkets. A noite foi concluída com um pocket show do rapper Djonga. Um exemplo de evento, que explora as características da cidade e combina com a temática da produção sendo divulgada, visto que a série se passa em um bunker - e o bar tinha essa estrutura subterrânea.

Por cerca de uma hora, a reportagem conversou com o criador da série, Dan Fogelman, que foi muito receptivo e não se limitou apenas a falar sobre a segunda temporada de *Paradise*, apesar de ter demonstrado muito entusiasmo para ver as reações do público ao novo ano do show que foi sucesso de crítica e público em 2025.

“É engraçado a gente falar da segunda temporada, porque eu já tenho o final da série em mente. Estamos trabalhando na terceira temporada, mas queremos expandir essa história para algo muito surpreendente. Não posso falar muito mais sobre isso [risos]”, brincou.

“Mas essa segunda temporada começou com uma conversa com o Sterling [K. Brown]. Eu falei para ele que queria explorar o mundo fora do bunker, colocando seu personagem para explorar esse mundo caótico enquanto procura pela esposa - que ele sequer sabe se está viva. E o mais interessante é que adotamos um formato não linear de contar a história dessa temporada. A gente volta para o passado o tempo inteiro, dando essa sensação de sabermos tanto quanto o Xavier [protagonista]. Ele está perdido nesse ‘mundo novo’ e nós também”, completou.

A grande novidade, além desse mundo exterior, é a entrada da misteriosa personagem de Shailene Woodley, atriz eternizada por seu papel no romance “A Culpa É das Estrelas”. Na trama, ela interpreta uma sobrevivente do apocalipse que levou as elites para os bunkers. Mais do que isso, ela estava na rua no momento em que a sociedade ruiu.

Para Fogelman, Shailene é o grande destaque dessa nova temporada.



Na segunda temporada, Xavier [Sterling K. Brown] vai explorar o mundo exterior em busca da esposa desaparecida

‘Já tenho o final da série em mente’

Em conversa com o Correio da Manhã, Dan Fogelman, criador de ‘This Is Us’ falou sobre a segunda temporada de ‘Paradise’ e outros projetos



Dan Fogelman conversou de forma descontraída durante o evento da segunda temporada de “Paradise”

um único caminho, sabe? A ideia é explorar diferentes mundos, mas sempre mantendo esse fator humano. Os fãs sempre comentam comigo que choraram muito com ‘This Is Us’ e que a série os destruiu, mas o que me cativa são esses laços entre os personagens”, contou.

Sobre ‘Enrolados’, Dan falou com um ar de frustração sobre o futuro da saga nos cinemas.

“Enrolados’ não foi meu primeiro trabalho com animações. Eu já tinha trabalhado em partes do roteiro de ‘Carros’, da Pixar, por exemplo, mas ‘Enrolados’ é muito especial. E eu já tinha a história de ‘Enrolados 2’ pronta. Ela envolveria a filha do Flynn Rider com a Rapunzel em uma aventura cheia de mistérios, mas os executivos não se interessaram. Eles estão focados nessa onda de adaptações em live-action em vez de continuarem franquias que o público declaradamente ama”, explicou.

Em outro momento especial da conversa, Fogelman falou um pouco mais sobre seu próximo projeto: um drama esportivo sobre futebol americano. O cineasta mostrou cliques exclusivos que mostravam um pouco dos cenários e parece incrível.

E o grande diferencial desse projeto é que ele conseguiu o licenciamento da NFL, então contará com as equipes de verdade da Liga, algo que outra produção do Hulu, a incrível ‘Chad Powers’, não conseguiu, por exemplo.

A série terá William H. Macy como um empresário dono do time, enquanto Mandy Moore reeditará sua parceria de ‘This Is Us’ com Dan Fogelman.

“A Mandy é muito talentosa, e o William [H. Macy]... Quer dizer, olha para ele. Ele tem cara de dono de time de futebol americano”, brincou o diretor.

A segunda temporada de “Paradise” já está disponível no Disney+.

“Ela [Shailene Woodley] é incrível! Ela entra na história com um passado assustador e acaba servindo como essa guia pela nova trama. Ao mesmo tempo, por estar abalada com o que aconteceu no passado, ela é uma sobrevivente. E sobreviventes são desconfiados. Ela traz um pouco de emoção e reflexão para o nosso suspense”, comentou.

Multitalentoso

Dan Fogelman é um nome pouco conhecido no Brasil, mas é o responsável por duas produções extremamente populares por aqui. A primeira é a série ‘This Is Us’, fenômeno nas TVs aberta e por assinatura, que foi criação dele. A segunda é ainda mais inesperada: ele foi o roteirista da animação “Enrolados”, a releitura da Disney do clássico conto da Rapunzel.

Isso demonstra o talento do artista para contar histórias completamente diferentes.

“Eu gosto de produções que me desafiem e me cativem com o desenvolvimento de laços entre os personagens. Não quero seguir por

Perturbações

EM CENA

Premiada comédia distópica de André Dale, George Sauma e Leandro Soares reestrea no Teatro Gláucio Gil e percorre o estado no circuito Sesc

Imagine acordar e não conseguir mais mover um único músculo do rosto. Nenhuma expressão, nenhum sinal, nenhuma forma de expressar sentimentos. Esse é um dos pesadelos lúcidos que “A Coisa” coloca em cena — e talvez o mais perturbador deles, porque toca exatamente onde dói: na fragilidade da presença humana, naquilo que somos quando ninguém mais consegue nos ler.

Três temporadas, cinco indicações e o Prêmio de Humor do FITA 2025 depois, o espetáculo reestrea no Teatro Gláucio Gil nesta quarta (25) e segue em cartaz até 1º de maio. Em paralelo, a montagem percorrerá palcos do estado pelo Circuito Sesc Pulsar: São João de Meriti (6/3), Quitandinha (7/3), Madureira (14/3), Teresópolis (20/3), Valença (10/4), Ramos (24/4) e São Gonçalo (7/5).

“A Coisa” é uma criação da trilha formada pelos atores André Dale,



Leandro Soares, André Dale e George Sauma unem seus talentos em ‘A Coisa’, um espetáculo provocativo

George Sauma e Leandro Soares — três artistas que somam décadas de palco, telas e streaming, e que escolheram se encontrar justamente aqui, nesse território instável onde o absurdo e a comédia se tornam instrumentos de investigação filosófica.

Sauma é o músico e ator que o Brasil conheceu como Tatalo em “Toma Lá, Dá Cá” e como um Roberto Carlos de cinema no lon-

ga de Mauro Lima — além de ter ganhado recentemente o Prêmio Bibi Ferreira como ator coadjuvante no musical “Alguma Coisa Podre”. Soares criou a sitcom “Vai Que Cola” e séries para a Netflix. Dale acumula direção, dramaturgia e uma trajetória nos palcos e no audiovisual.

Dividida em três atos — “A Coisa”, “O Enigma” e “A Máscara” — a peça opera numa realidade ligeiramente deslocada da nossa, naquele milímetro de distância que separa o reconhecível do inquietante. O teatro é o tema, mas

também é método: a luz, a coxia, a projeção, os bastidores tornam-se personagens. “Se o teatro nos ensina que a vida é efêmera, assim como ele, também nos ensina que a única arma contra a finitude é o agora”, argumenta Leandro Soares, autor do texto.

Num tempo em que a identidade virou performance, a verdade virou disputa e o rosto virou filtro, “A Coisa” chega com a perturbadora verdade de quem não precisa gritar para ser ouvido. O humor é a porta de entrada. O que vem depois é por conta do espectador.

Quem não consegue enxergar o outro?

Espectáculo ‘Imagens de um C(ego)’ estreia sexta no Teatro Glauche Rocha

Oscar é cego. Enxerga tudo. Boca Berreiro tem dois olhos perfeitos. Não vê nada além de si mesmo. É nessa inversão que o espetáculo “Imagens de um c(ego)” constrói suas provocações, com texto e direção de Paula Wenke, estreia nesta quinta-feira (26), no Teatro Glauche Rocha.

Os dois personagens se encontram numa sala de espera aguardando a seleção para o pro-

jeto de Godiva — artista superpatrocinada que ficou famosa ao encontrar Elvis Presley vivo na Polinésia. Enquanto esperam, divergem sobre tudo, das diferenças mais banais às mais profundas. A referência a Samuel Beckett é declarada: assim como Vladimir e Estragon esperam eternamente por Godot sem que ele apareça, Oscar e Boca esperam por Godiva numa sala que parece existir



Numa trama que remete ao clássico ‘Esperando Godot’, de Samuel Beckett, ‘Imagens de um C(ego)’ expõe contradições numa sala que parece existir fora do tempo

fora do tempo — e o que importa não é a chegada de ninguém, mas o que os dois revelam um ao outro, e a si mesmos, enquanto aguardam.

“Nossos universos particula-

“Se o teatro nos ensina que a vida é efêmera, assim como ele, também nos ensina que a única arma contra a finitude é o agora”

LEANDRO SOARES

SERVIÇO

A COISA

Teatro Gláucio Gil (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana)

Até 1/4, sempre às quartas (20h)

Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Circuito Sesc Pulsar: São João de Meriti (6/3), Quitandinha (7/3), Madureira (14/3), Teresópolis (20/3), Valença (10/4), Ramos (24/4) e São Gonçalo (7/5)

Ingressos: R\$ 15, R\$ 7,50 (meia) R\$ 13,50 (convênios); R\$ 10,50 (associados Sesc e dependentes) e grátis (PCG)

SERVIÇO

IMAGENS DE UM C(EGO)

Teatro Glauche Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro)

De 26/2 a 22/3, de quinta a sábado (19h) e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

res e distintos dialogam através da autoria de uma mulher autista e de um ator cego”, reflete a diretora, diagnosticada com autismo em 2024. Todas as sessões têm Libras e audiodescrição.

Fotos/Sandra Gonçalves

Tecer o adeus

Sandra Gonçalves expõe no Centro Cultural Correios RJ um conjunto de imagens que mergulha nas complexidades da vida, da morte e da transitoriedade

AFFONSO NUNES

Despedir-se não é simples. Nunca foi. Sandra Gonçalves encontrou na fotografia uma forma de transformar a experiência da perda em linguagem visual — densa, poética e perturbadora e, por que não, bela. É o que propõe “Tessituras do Adeus”, exposição da artista gaúcha em cartaz no Centro Cultural Correios RJ, com curadoria de Letícia Lau.

O conjunto de imagens apresentado na mostra é resultado de um processo meticuloso: Sandra funde suas próprias fotografias com achados digitais, criando composições híbridas que embaralham tempo e memória. Cada imagem carrega o peso de experiências pessoais de despedida, mas a ar-



A curadoria organizou as imagens de Sandra Gonçalves em ‘frases-imagem’, sequência fotográfica sem conjunção, dividida em três momentos

tista recusa o sentimentalismo: o trabalho investiga questões como a finitude e convida o espectador a um confronto consigo mesmo, com sua própria mortalidade e com os rastros que ela deixa.

A curadoria organiza as imagens como o que Letícia Lau chama de “frase-imagem” — sequência fotográfica sem conjunção, dividida em três momentos: a metáfora da aranha e do tempo, formada pelas tramas tecidas por elas; imagens que narram a espera, o caminho desconhecido e a fragilidade do ser; e fotografias que abordam a finitude e a sublimação, ecoando uma atmosfera etérea e espiritual. “Sandra Gonçalves, com sua habilidade de tecer memórias e imagens, oferece ao espectador um convite a explorar o que significa ser humano. Através de suas fotografias, ela nos lembra de que, embora a vida seja efêmera, as conexões que fazemos e os momentos que capturamos têm o poder de transcender o tempo”, afirma a curadora.

Professora e pesquisadora de fotografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Sandra Gonçalves tem na finitude um território recorrente de investigação artística. Carioca, a artista reside em Porto Alegre desde 2005 e assina fotolivros como “Cápsula” (2021) e “La Vie en Rouge” (2024). Suas obras integram acervos de museus e coleções particulares, e “Tessituras do Adeus” representa um dos trabalhos mais maduros de sua trajetória — aquele em que a pesquisa e a experiência pessoal se fundem com maior intensidade.

Para quem quiser aprofundar o olhar sobre a exposição, Sandra realiza visitas guiadas com o público neste sábado (28) e no dia 14 de março, sempre às 15h30.

SERVIÇO**TESSITURAS DO ADEUS**

Centro Cultural Correios RJ
(Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro)

Até 14/3, de terça a sábado
(12h às 19h)

Entrada franca